AMOR & CAPITAL

A saga familiar de **Karl Marx** e a história de uma revolução

Mary Gabriel

ZAHAR

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

Mary Gabriel

Amor e Capital

A saga familiar de Karl Marx e a história de uma revolução

Tradução:
Alexandre Barbosa de Souza

1. Trier, Alemanha, 1835

> Ela exigia a satisfação de uma paixão genuína, e sobretudo oferecia uma certa fraqueza interessante para se proteger e apoiar.
>
> HONORÉ DE BALZAC[1]

JENNY VON WESTPHALEN era a moça mais cobiçada de Trier.

Havia outras, certamente, de famílias ainda mais ricas, cujos pais alcançaram títulos de nobreza ainda mais altos. E sem dúvida havia algumas outras consideradas fisicamente mais atraentes. Mas todos concordavam que não havia nenhuma que combinasse beleza tão rara com presença de espírito e intelecto tão vibrantes, além de uma posição social consideravelmente alta dentro da aristocracia local – levando em conta tanto aqueles que nasceram dentro dela quanto a nova classe de homens que conquistaram seu lugar em meio aos aristocratas. Seu pai, o barão Ludwig von Westphalen, era conselheiro do governo de Trier, o que o tornava a principal autoridade prussiana e o oficial mais bem-pago da cidade de 12 mil habitantes,[2] aninhada como uma aldeia de contos de fadas nas margens do Mosela. O pai de Ludwig fora nobilitado por seus serviços na Guerra dos Sete Anos e se casara com a filha de um ministro do governo escocês que descendia dos duques de Argyll e Angus.[3] Era da avó escocesa que Jenny herdara o nome, os olhos verdes e o cabelo castanho-escuro, além da centelha de rebeldia que incendiava seus traços: o avô Archibald Argyll fora um dos líderes da luta pela liberdade da Escócia, decapitado em Edimburgo, e outro parente, o reformador George Wishart, fora queimado na estaca naquela mesma cidade.[4]

Em 1831, no entanto, longe de ser uma rebelde política, aos dezessete anos Jenny enfeitava os sofisticados bailes da região de Trier, nos quais as mulheres impressionavam por seus vestidos e penteados elegantes, enquanto os homens tentavam seduzi-las com seus fraques bem-cortados e suas maneiras refinadas, mas principalmente com sua mercadoria mais cotada, a própria riqueza. Era uma feira à luz de velas, onde mocinhas eram levadas e vendidas, e Jenny dançava de par em par, ciosa do valor de sua aparência. As expectativas sociais e os limites eram inequivocamente claros – uma faixa de veludo separava aristocratas como Jenny de outros elementos na pista de dança.[5]

Numa carta aos pais em abril, seu meio-irmão, Ferdinand, comentava sobre

os diversos homens que a cortejavam, mas dizia que Jenny demonstrava a reserva apropriada.[6] Isso, no entanto, mudaria durante uma festa naquele mesmo verão. Lá Jenny conheceu um jovem tenente, Karl von Pannewitz, que encerrou a noite de intimidades com uma paixão feroz, pedindo sua mão em casamento. Jenny surpreendeu a família, especialmente o pai e o protetor Ferdinand, ao dizer sim. Seria uma decisão precipitada, da qual ela se arrependeria rapidamente: meses depois ela violou o protocolo social e desfez o noivado.[7]

As notícias do escândalo se espalharam por toda a cidade. A esposa de Ferdinand, Louise, descreve Jenny em dezembro como alguém que se isolou do mundo, fria, incomunicável e retirada, enquanto o pai negociava um desfecho para o caso.[8] Mas já na véspera do Natal, o ânimo de Jenny estava recuperado, e toda a família ficou feliz por deixar para trás o romance fracassado. Numa carta aos pais, Louise expressava o choque e a desaprovação com o que chama de festividades estranhamente suntuosas na casa dos Westphalen. "Não deve haver nenhum sentimento na natureza de Jenny, pois do contrário ela teria recusado veementemente essa festividade inapropriada, ainda que apenas por conta de uma simpatia pelo (ex) noivo infeliz. … Quando virá o próximo sucessor tomar o lugar do senhor Von Pannewitz … os possíveis candidatos ficaram um pouco intimidados pelo tratamento que ele recebeu."[9]

Contudo, ao aceitá-lo a princípio e então romper o noivado, Jenny na verdade exorcizou temporariamente o demônio do casamento que possuía todas as moças. Ela retomou seu circuito social, mas agora não havia nenhum homem em especial despertando a bisbilhotice ou a atenção de sua família. Em vez disso, sob a tutela do pai, ela iniciou um programa de estudos – uma inebriante mistura dos românticos com uma nova filosofia utópica que vinha da França chamada socialismo. Jenny mergulhou particularmente nos primeiros, dominada como era pelos autores, músicos e filósofos alemães.[10] Para eles, o bem supremo era viver para os próprios ideais, rejeitar tudo o que era imposto à liberdade individual e – o mais importante – *criar*, fosse essa criação uma nova filosofia, uma obra de arte ou um modo melhor de os homens interagirem uns com os outros. Não era necessário nem mesmo obter sucesso; o essencial era seguir um sonho até sua conclusão, não importando quanto custasse.[11] A luz, anteriormente vista como emanada de uma divindade distante, tornou-se interna; a busca pessoal do homem era agora divina.[12]

Para Jenny, que tentava se recuperar de seu protesto, aparentemente menor, contra o noivado (o que para a sociedade da época deve ter sido uma grande rebeldia), o Romantismo era heroico e arrebatador. E, para além de suas circunstâncias imediatas, ela viu ainda outro motivo para abraçar o movimento:

alguns românticos defendiam direitos iguais para as mulheres. O filósofo alemão Immanuel Kant havia declarado: "O homem que vive na dependência de outro homem não é mais um homem, ele perdeu sua posição, ele não passa de um objeto pertencente a outro homem."[13] Aplicando a frase de Kant às mulheres, esse pertencimento era multiplicado por cem. Os românticos, portanto, ofereciam simplesmente a perspectiva de uma liberdade verdadeira para homens e mulheres – liberdade não só para romper os rígidos vínculos sociais, mas também para desafiar definitivamente os reis, que governaram praticamente incólumes por séculos alegando-se emissários de Deus na terra.

Em seu aniversário de dezoito anos, em fevereiro de 1832, Jenny havia começado a absorver essas lições no exato momento em que o mundo à sua volta parecia se dividir em dois campos – aqueles que queriam obrigar reis e ministros a servir melhor uma sociedade em transformação, e os que queriam proteger o *status quo*. Essa divisão era evidente mesmo em sua família: embora fosse um oficial prussiano, o pai de Jenny admirava o conde Claude Henri de Saint-Simon, o fundador do socialismo francês.[14] As paixões do pai inspirariam a filha, embora ele jamais pudesse prever até que ponto.

LUDWIG VON WESTPHALEN já conhecia havia muito tempo o credo francês da igualdade e da fraternidade. Tinha oito anos quando Napoleão dominou a Prússia ocidental, onde Ludwig vivia. Com essa conquista, as lições da Revolução Francesa de 1789 e do Código Napoleônico foram santificadas na região, inclusive a igualdade perante a lei, os direitos individuais, a tolerância religiosa, a abolição da servidão e a padronização das taxas.[15] Mas a influência francesa na Prússia ocidental ia muito além do modo como a sociedade funcionava na época; ela representava uma mudança no futuro. Os filósofos revolucionários e iluministas franceses acreditavam que o homem era intrinsecamente bom e defendiam a criação de uma sociedade melhor com a abolição dos líderes que os mantinham ignorantes para se perpetuar no poder.[16] Nessa nova ordem, as realizações se baseariam no mérito, não na hereditariedade – uma doutrina com enorme apelo junto à burguesia emergente.[17]

Contudo, a imposição de leis estrangeiras, quaisquer que sejam, sempre gera ressentimento entre os cidadãos das regiões ocupadas, e muitos deles se empenharam em derrotar os franceses. Em 1813, Ludwig, que era um dos agitadores, foi condenado por traição e sentenciado a dois anos de prisão em uma fortaleza na Saxônia. No entanto, soltaram-no logo após a sentença, quando Napoleão foi derrotado em Leipzig, e embora Ludwig houvesse aparentemente se voltado contra os franceses, ele, como muitos de seus conterrâneos da Prússia ocidental, continuou a agir segundo o modo de pensar do invasor.[18]

Em 1830, os problemas viriam novamente da França. Um levante naquele

julho derrubara Carlos X, depois que o rei ignorara as exigências da nova burguesia em ascensão – banqueiros, burocratas e industriais cujo poder derivava do dinheiro, não necessariamente de títulos ou terras – e tentara desfazer medidas que seu predecessor tomara para garantir ao povo uma Constituição limitada.[19] Carlos foi substituído pelo "rei cidadão" Luís Filipe I, que o historiador francês Alexis de Tocqueville descreveu como empenhado em "afogar a paixão revolucionária com o amor pelos prazeres materiais".[20] Todas as classes burguesas e cultas da Europa se inspiraram nesse monarca francês, que enxergou a virtude de estender algumas liberdades para aumentar a circulação de dinheiro através da economia francesa. Esses admiradores logo tomariam as ruas clamando por reformas em seus próprios países.

As revoltas subsequentes naquele ano foram quase todas logo brutalmente reprimidas, especialmente na Polônia. Mas houve algumas vitórias: a Bélgica conquistou a independência com relação à Holanda, e significativas transformações ocorriam abaixo do nível do Estado, com o surgimento de personagens importantes. Liderando o ataque, estava a alta burguesia, cujos membros acreditavam que uma sociedade liberal, industrial, era inevitável.[21] Havia o surgimento também de um exército até então ignorado de trabalhadores, o proletariado, cujas mãos efetivamente construiriam esse novo mundo industrial. E a revolta francesa foi a primeira luta dos socialistas, na ocasião ainda um grupo de classe média que identificava o homem como membro de uma sociedade mais ampla, com todas as responsabilidades para com seu semelhante que isto implicasse.[22]

Em suas primeiras manifestações, o socialismo era uma filosofia benigna, reconfortantemente cristã para os católicos franceses. Fora da França, contudo, essa filosofia se somou ao coro das exigências por mudança e causou alarde. Cautelosos, líderes alemães reagiram aos acontecimentos na fronteira ocidental com uma repressão brutal. Por todas as 39 províncias, dominadas pela Prússia e a Áustria, compreendidas pela Confederação Alemã (ou "Bund"), as portas para mais liberdade, desenvolvimento e oportunidade foram batidas com mão de ferro, pois a nobreza não estava disposta a abrir mão de nenhum dos privilégios de seu status.

No entanto, um grupo autodenominado Alemanha Jovem protestava por mais direitos, valendo-se do antigo ressentimento de uma população que se sentia traída quinze anos antes pelo rei da Prússia, Frederico Guilherme III, que não cumprira a promessa de elaborar uma Constituição se o povo ajudasse a derrotar Napoleão.[23] O povo acudira ao seu chamado às armas, a burguesia ascendente ajudara a financiar a guerra para os aristocratas, que nunca tinham dinheiro vivo, e Napoleão havia sido derrotado. Mas o Bundestag formado depois de 1815 foi uma assembleia de reis e de príncipes – ou, como um observador na época

definiu, “uma sociedade de auxílio mútuo de regentes despóticos”.[24] Ergueram estátuas de mortos em combate pela libertação, mas não recompensaram os vivos com reformas.[25] De fato, os regentes usaram sua força para depois coibir as dissidências, tomando uma posição contra liberdades já limitadas.[26] As revoltas estouraram e violentos conflitos esporádicos duraram ainda quase um ano, enquanto os agitadores eram perseguidos e presos.[27]

O irmão de Jenny por parte de pai, Ferdinand, era quinze anos mais velho, filho da falecida primeira esposa de Ludwig, Lissette. Ele era tão conservador quanto seu pai era liberal. Em 1832, Ferdinand construía uma carreira de oficial do governo prussiano e orgulhoso súdito do rei. Seu pai, no entanto, estudava os mesmos socialistas que o governo queria suprimir. Deles Ludwig von Westphalen ouviu o conhecido chamado de *fraternité et égalité* de sua juventude. Encontrou méritos não apenas na coerência do ideal socialista, mas justificativa para sua implementação até nas ruas: o número de pobres em Trier aumentara drasticamente, em parte devido a reformas no comércio e nas tarifas. Em 1830, um em cada quatro moradores dependida de caridade, e todas as enfermidades sociais geralmente associadas à pobreza extrema apareceram – crime, mendicância, prostituição e doenças contagiosas.[28] Ludwig acreditava que a sociedade não podia simplesmente abandonar as pessoas, ela tinha a responsabilidade de aliviar aquele sofrimento. Começou a difundir essas crenças para quem quisesse ouvir. Além de Jenny, seu aluno mais atento era o filho de um colega. O nome do garoto era Karl Marx.[29]

EM 1832, MARX TINHA catorze anos e estudava na escola estatal Friedrich Wilhelm Gymnasium com o filho caçula de Ludwig, Edgar. Embora Karl mostrasse aptidão para o grego, o latim e o alemão, era fraco em matemática e história, e não se destacava dos colegas de classe.[30] Pronunciava o “s” com a língua presa entre os dentes, fato que se empenhava em superar e que talvez o tenha tornado tímido.[31] Sob orientação de Ludwig, contudo, ele desenvolveu uma paixão pela literatura, especialmente Shakespeare e os românticos alemães como Schiller e Goethe. Marx começou também a absorver os ideais dos primeiros socialistas utópicos, que na época estavam em voga, como as peças e a poesia que ele devorava. Aos 62 anos, Ludwig e seu jovem amigo perambulavam pelas colinas sobre o largo e lânguido Mosela, através de florestas de enormes pinheiros, discutindo as atualidades do pensamento. Marx lembraria essa época como uma das mais felizes de sua vida. Ele foi tratado como um homem adulto e como um intelectual por um aristocrata experiente e distinto.[32] Ludwig aparentemente também adorava essas conversas, pois elas continuaram durante anos. Devido ao desempenho acadêmico mediano de Marx, Ludwig talvez se

surpreendesse com a rapidez com que o menino ao seu lado absorvia suas lições, mas não era de espantar: durante séculos – desde o século XIV na Itália – a família Marx incluía de ambos os lados alguns dos rabinos mais importantes da Europa. Se os Westphalen descendiam dos homens de ação prussianos e escoceses, Marx descendia de uma linhagem de pensadores judeus cuja autoridade em religião se estendia à política.

Em Trier, a família Marx tinha rabinos desde 1693.[33] Um deles, do lado paterno da família, era Joshua Heschel Lvov, que em 1765, muitos anos antes da Guerra da Independência Americana e mais de duas décadas antes da Revolução Francesa, escrevera *Responsa: The Face of the Moon*, em que defendia princípios democráticos. Sua reputação era tal que se dizia que nenhuma decisão importante era tomada no mundo judaico na época sem a opinião de Lvov. O avô de Karl, Meyer Halevi, que morreu em 1804, era conhecido em Trier como Marx Levi e acabou adotando o sobrenome Marx depois que se tornou rabino da cidade. E a tradição rabínica da família continuou durante a infância de Karl: seu tio Samuel foi o rabino mais velho de Trier até 1827, e o avô materno de Karl era rabino em Nijmegen, na Holanda.[34] Os deveres desses homens combinavam o espiritual ao prático; na medida em que suas comunidades oscilavam em meio às ondas das transformações sociais, eles eram efetivamente as autoridades cívicas dos judeus.[35] Antes e depois da ocupação francesa da Prússia ocidental, os judeus eram vistos com desconfiança, quando não com aberta hostilidade, como forasteiros no reino da cristandade. Mas durante o período de 1806 a 1813, quando a região esteve sob controle dos franceses, uma fresta de igualdade foi aberta aos judeus. Heschel Marx, o pai de Karl, aproveitou a oportunidade para estudar direito e se tornou o primeiro advogado judeu em Trier, assumindo seu lugar na sociedade civil e chegando a presidir a ordem dos advogados da cidade.[36] Ele, como Ludwig von Westphalen, talvez fosse mais francês em seu pensamento do que prussiano. Conhecia Voltaire e Rousseau de cor,[37] e sem dúvida via seu futuro através das lentes racionais desses autores, esperando que fosse um futuro livre dos medos e preconceitos que vetavam aos judeus o acesso às profissões liberais e ao Estado. Mas, com a derrota de Napoleão, o governo prussiano revogou os direitos concedidos aos judeus e em 1815 oficialmente os excluiu do serviço público. No ano seguinte, o governo baniu os judeus do exercício das profissões legais. Apenas três homens na província mais ocidental da Prússia, a Renânia, foram afetados pela nova lei. Heschel Marx foi um deles, e assim se viu obrigado a escolher: converter-se ao cristianismo e seguir exercendo o direito ou continuar judeu.[38] Ele escolheu a profissão. Em 1817, aos 35 anos de idade, Heschel se tornou luterano e passou a se chamar Heinrich Marx.[39]

Na época, Heinrich estava casado havia três anos com Henrietta Presburger,

que não era nem culta, nem formada, mas vinha de uma rica família de judeus holandeses. O casal já tinha dois filhos, e um ano mais tarde, em 1818, tiveram outro menino, que foi chamado Karl.[40] Por uma questão de respeito, Henrietta não se converteu enquanto seus pais eram vivos, assim como as crianças, que só o fariam em 1824.[41] Novamente a conversão não era uma decisão religiosa, mas prática: Karl, com seis anos àquela altura, não poderia frequentar a escola pública como judeu.[42]

Assim, o jovem Karl cresceu nessa encruzilhada de culturas conflitantes. Era luterano de um lar judaico numa cidade extremamente católica, criado por um pai e ensinado por um mentor, ambos súditos da Coroa prussiana, sujeitos a suas leis repressoras, mas que secretamente admiravam os filósofos franceses que defendiam a liberdade individual – e, traição ainda maior no caso de Westphalen, sua linhagem mais radical: os socialistas.[43]

MUITOS BIÓGRAFOS DISSERAM que as famílias Marx e Westphalen eram vizinhas. A família de Heinrich, em verdade, morou por um breve período a várias ruas da casa dos Westphalen, no ano em que Karl nasceu. Mas os Marx compraram uma casa menor em 1819, na Simonstrasse, perto da agitada praça do mercado de Trier, a poucos metros da imensa construção romana da Porta Nigra, um edifício escurecido que parecia gemer sob o peso de dezesseis séculos. Os Westphalen moravam no sul, do outro lado da cidade, perto do rio, na Neustrasse, numa casa alta de janelas grandes e elegantes que permitiam aos passantes olhar de relance a vida exuberante dos moradores.

As duas casas eram distantes geográfica e culturalmente. A casa dos Westphalen cintilava num turbilhão de atividades sociais, com Dante, Shakespeare e Homero sempre presentes nas festividades graças a Ludwig (que recitava Homero de memória e o Bardo em inglês), e o latim e o francês vinham naturalmente à tona em meio às conversas, como se fossem meras extensões do alemão que todos falavam na família. Os convidados eram entretidos com esquetes dramáticos e poesia, enquanto a criadagem punha a mesa para jantares suntuosos que se estendiam noite adentro e acabavam ruidosamente pelas ruas quando os convidados partiam em suas carruagens e cocheiros de libré.[44]

Por contraste, a casa dos Marx, que em 1832 crescera ao incluir a oitava criança, era silenciosa. O pai de Karl era um intelectual meticuloso, e passava seu tempo antes lendo que recitando, enquanto a mãe falava mal alemão, com seu forte sotaque holandês. Ela não participava da sociedade de Trier e parecia não ter qualquer intenção de expandir seu mundo para além das necessidades imediatas de sua família. Eram amorosos, mas não exatamente alegres, moderadamente prósperos – o trabalho duro de Heinrich e a parcimônia da família lhes permitira comprar dois pequenos vinhedos –, mas sem fartura. Marx

respeitava seu pai, apesar de frequentemente se rebelar contra seus conselhos. Mas desde cedo sua relação com a mãe coruja foi tensa. Ele parecia culpá-la pela melancolia que impregnava a casa.[45] Apesar das diferenças entre as duas famílias, contudo, suas vidas se interligariam. Ludwig von Westphalen e Heinrich Marx estavam entre os duzentos protestantes da cidade e eram membros seletos dos mesmos clubes sociais e profissionais. Karl Marx e Edgar von Westphalen eram colegas de classe; na verdade, Edgar seria o único amigo de Karl desde a época da escola. E Sophie Marx, a irmã mais velha e mais íntima de Karl, era amiga de Jenny von Westphalen.[46] As crianças estavam sempre umas nas casas das outras, e talvez tenha sido a amizade de Karl com Edgar, mais do que sua relação com o pai de Jenny, que tenha primeiro chamado a atenção dela. Edgar, que era apenas cinco anos mais novo que Jenny, era seu único irmão de pai e mãe, e ela contaria a uma amiga muitos anos mais tarde que ele tinha sido "o ídolo da minha infância … meu único e amado companheiro".[47]

Edgar era bonito e atraente com seus cabelos desgrenhados que lhe davam ar de poeta, mas não era um intelectual; era impulsivo como um menino e, portanto, protegido (e mimado) pelos pais e pela irmã mais velha. Relativamente estudioso, Marx foi visto como uma boa influência para ele. Qualquer que fosse o caso, Karl rapidamente foi absorvido pela família: por Edgar, que se tornaria o primeiro discípulo de Marx; por Ludwig, encantado com o cérebro notável do rapaz; e por Jenny, que não conseguiu ficar indiferente àquele adolescente que impressionava tanto os dois homens que ela mais amava.

EM 1833 E 1834, a posição do governo quanto aos dissidentes aproximou ainda mais as duas famílias. Até então, as escolas da Prússia haviam sido deixadas de fora da interferência oficial contanto que as discussões se restringissem à filosofia alemã. (O governo esperava compensar a influência perniciosa de ideias francesas com boas ideias saudáveis alemãs.)[48] Mas depois da morte, em 1831, do maior erudito alemão da época, Georg Wilhelm Friedrich Hegel, alguns de seus seguidores derivaram para um território mais perigoso, concentrando-se na teoria hegeliana de que a mudança era inevitável. Oficiais prussianos passaram a prestar mais atenção às universidades e escolas para extirpar os radicais que pudessem interpretar "mudança" como "mudança política".[49] Um relatório feito por espiões do governo sobre Trier identificou alguns professores da escola de Marx como excessivamente liberais, dizendo que os alunos liam literatura proibida e escreviam poesia política. Por fim, um menino acabou sendo preso e um diretor de escola, demitido.[50]

Em meio a tudo isso, o pai de Marx se manifestou contra o governo num discurso feito no clube a que ele e Ludwig von Westphalen pertenciam. O Casino Club, a associação particular mais exclusiva de Trier, de profissionais liberais,

militares e homens de negócios, reunira-se em janeiro de 1834 para homenagear os membros mais liberais da dieta renana (a assembleia da província). Heinrich Marx havia ajudado a organizar o encontro e falou ao grupo, agradecendo ao rei por permitir que a dieta se reunisse como corpo de representantes do povo e aplaudindo a Coroa por dar ouvidos aos desejos de seus súditos. Mas apesar de seu discurso ser sincero, aquilo foi interpretado como ironia e deixou alarmados os oficiais do governo. Semanas mais tarde o clube voltou a se reunir, e dessa vez os discursos (alguns deles tributos ao levante francês de 1830) deram lugar às proibidas "canções de liberdade", entre elas a Marselhesa da França, que as monarquias consideravam uma incitação à revolta equivalente a hastear a bandeira vermelha. O que deixou os oficiais preocupados não foi tanto quem estava cantando – os pilares da comunidade de Trier –, mas o fato de saberem a letra *de cor*. O "frenesi do espírito revolucionário" (segundo descrição de um militar presente ao evento) não podia passar por uma aberração eventual. O clube foi posto sob vigilância e Heinrich Marx passou a ser visto com suspeita pelo governo.[51]

Karl era um impressionável rapaz de dezesseis anos quando o diretor de sua escola foi demitido e seu pai, cioso cumpridor da lei, injustificavelmente investigado. É fácil imaginar o impacto que a repressão do Estado deve ter exercido sobre ele. Se antes as ideias de liberdade de opinião e igualdade perante a lei eram conceitos abstratos para ele, já não era mais o caso. Marx então experimentou em primeira mão o terrível e aparentemente arbitrário poder do governo de Berlim, e a raiva e a indignação de um homem quando se dá conta de que é impotente para confrontá-lo.

Hal Draper, estudioso de Marx, observou que a mão de ferro do controle da Prússia teve o efeito indesejado de transformar "brandos reformistas em revolucionários". De fato, os esforços do governo para excluir qualquer rumor de democracia e socialismo só reforçaram o fato de que tais assuntos estavam na pauta do dia – ainda que às vezes aos sussurros – da escola à mesa do jantar, por todo o espectro social. E quanto mais discutidos, menos eram vistos como importados da França; tornaram-se ideias que encontraram relevância e representantes na Alemanha.[52]

Em 1835, um panfleto do pai do socialismo alemão, Ludwig Gall, apareceu em Trier. Descrevia a sociedade dividida entre trabalhadores, que produziam toda a riqueza, e uma classe dominante, que rapinava todos os benefícios e lucros.[53] Heinrich Heine havia se tornado o poeta mais popular da Alemanha, apesar de sua obra estar banida. Quando o governo emitiu um mandado de prisão contra ele, Heine mudara-se para Paris (um ministro chegou a pedir sua execução),[54] e suas lamentações no exílio forçado eram ardorosamente copiadas e lidas nas escolas e universidades onde os estudantes despertavam para

o potencial da dissidência organizada.

Não era surpresa que a atmosfera na casa dos Westphalen estivesse carregada. Jenny, Edgar e Karl haviam aprendido não só com os românticos, que lhes gritavam para que reconhecessem e confrontassem a injustiça, mas também com os socialistas, que atribuíam os males da sociedade ao novo sistema econômico de exploração que tirava o agricultor da terra e levava o artesão para as fábricas. A Alemanha ainda estava muito atrasada perto da Inglaterra em termos de desenvolvimento industrial, mas a Renânia era a região mais industrializada do país, e os efeitos disso podiam ser vistos na exibição dessa nova riqueza e dessa nova pobreza em Trier. Marx só precisava olhar ao seu redor para ver quem lançava aquelas sombras.

EM 1835, KARL, então com dezessete anos, preparava-se para deixar Trier e ingressar na universidade. Ainda na escola, num ensaio sobre a escolha de uma carreira, ele examina cuidadosamente o atrativo da ambição, a inadequação da própria experiência, e o que ele chama de "relações na sociedade", que já haviam limitado suas aspirações em certa medida devido à posição social de seu pai. Ele conclui:

O principal guia que deve nos orientar na escolha de uma profissão é o bem-estar da humanidade e o nosso próprio aperfeiçoamento … a natureza humana é de tal modo constituída que o homem só atinge a própria perfeição trabalhando pelo aperfeiçoamento, pelo bem, de seus semelhantes … Se ele trabalha só para si mesmo, pode vir a ser um erudito famoso, um grande sábio, um excelente poeta, mas jamais será um homem perfeito, um grande homem de verdade …

Se escolhemos a posição na vida em que possamos trabalhar principalmente pela humanidade, nenhum fardo nos há de derrubar, pois serão sacrifícios pelo benefício de todos; de modo que não sentiremos uma alegria mesquinha, limitada e egoísta, mas nossa felicidade será a de milhões, nossas proezas viverão em silêncio mas eternamente atuantes, e sobre nossas cinzas serão derramadas fervorosas lágrimas de pessoas nobres.[55]

Foi por esse rebelde romântico que Jenny von Westphalen se apaixonou. Aquele pequeno homenzinho provinciano, que ousava se declarar um instrumento pela melhoria de toda a humanidade, incorporava os heróis dos livros que o pai dera a ela – era o Wilhelm Meister de Goethe e o Karl von Moor de Schiller, e seria o Prometeu de Shelley, acorrentado a um precipício por ousar desafiar um deus tirânico. Naquele rapaz quatro anos mais novo que ela, cheio de autoconfiança e coragem, absolutamente convencido do poder do próprio intelecto (ainda que ele mesmo não soubesse aonde esse intelecto o levaria), ela reconheceu seu ídolo.

Apesar de esparsas reivindicações de igualdade entre os gêneros, o máximo que uma mulher com aspirações românticas no início do século XIX podia esperar era corajosamente, e com muita abnegação, oferecer apoio emocional e doméstico para o homem que escolhera ir atrás de seus sonhos arriscados. Tal foi o compromisso que Jenny firmou consigo mesma e com Karl. Não se sabe se eles declararam seu amor um pelo outro naquele verão antes que ele partisse de Trier para estudar na universidade em Bonn, mas naquele mesmo ano há confirmação: em 1836, Jenny von Westphalen concordou secretamente em se casar com Karl Marx.